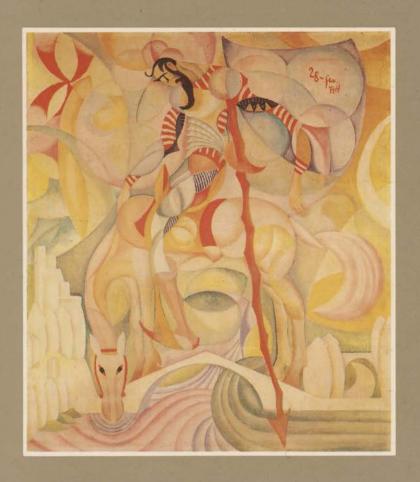
CULTURA POLÍTICA MENTALIDADES



INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS FACULDADE DE LETRAS

COIMBRA 1989

Revista de História das Ideias

preendem a sensibilidade do estranho. A questão está em saber-se até que ponto estes traços identificam uma realidade económica, social e cultural ou em que medida a negam pelo recurso ao pitoresco e ao excepcional. Muito terá de se investigar, neste caso, para se perceber o real alcance de uma fonte aparentemente fácil e rica em informações. Por enquanto, vale a pena ler, não só pelo seu colorido e vivacidade, mas também pela mestria que as autoras revelam, os vários quadros que dão forma a esta composição.

Ana Cristina Bartolomeu d'Araújo

Jean Delumeau, Yves Lequin (Dir.), Les Malheurs des Temps. Histoire des Fléaux et des Calamités en France, Paris, Larousse, 1987, 519 pp.

Esta obra colectiva que reúne a colaboração de dez historiadores franceses e de um filósofo é, a vários títulos, digna de referência. Trata-se de uma edição muito cuidada, impressa a duas cores, e largamente ilustrada. Como nos diz Jean Delumeau no prefácio, este livro é, antes de mais, um «corpus de factos», isto é, uma descrição das calamidades vividas em França e consequentemente, das reacções que suscitaram.

Na longa duração, o sinistro e o infortúnio inscrevem-se como traços fortes de uma linguagem que fala da natureza, indecifrável, imprevisível e castigadora. Asim, - e porque até ao século XIX «as desgraças dos homens foram principalmente causadas pela natureza». - se exclui o tratamento do infortúnio como produto do agir humano. Este outro lado da questão alargaria, ainda mais, o campo de reflexão do historiador. Pois todas as relações e situações de conflituosidade humana jamais poderão ser entendidas de forma linear e mecânica. Na medida em que sobre elas se precipitam sentimentos e representações tornam-se um manancial importante para melhor se compreender, por exemplo, aspirações e afrontamentos religiosos, processos de formação de heróis e ídolos, ou ainda. lato sensu, os despojos invisíveis da guerra e da repressão na memória colectiva. Mas estamos já a falar de temas e preocupações que não pertencem a este livro e que talvez, um dia, venham a constituir motivo de tratamento histórico.

Por enquanto, interessa sublinhar que desde o saque de Roma até aos finais do século XIX, se individualizam, no Ocidente, cinco grandes «períodos dramáticos», para utilizar

Revista de História das Ideias

a expressão de Jean Delumeau. O primeiro atravessa a Alta Idade Média e culmina nessa história imaginária e grandiosa do Apocalipse do ano mil. Na Idade Média, a literatura de visões premonitórias, que se desenvolve antes e depois das catástrofes, repousa, segundo M. Rouche, numa espiritualidade de «dois degraus», um pessimista, à superfície dos textos, outro optimista ao nível do coração, e onde têm igualmente

raízes o profetismo, o messianismo e o misticismo.

Retomando depois a visão expressa por Fernand Braudel - no segundo volume de Identité de la France, - de uma longa crise estrutural iniciada por volta do século XIV, a que deu o nome de «processo diabólico» descrevem-se os ciclos da fome, da peste e, secundariamente da guerra, que abalaram a Europa até ao século XVII. É esta «durável impotência perante o destino que explica não somente a permanência e difusão do tema pessimista «a vida é um sonho»; mas também a forte crença nas estrelas que comandam as existências particulares, e enfim a convicção de que Satanás é o «princípio do Mundo». Este é, também, o longo período de incubação de uma verdadeira «cultura de morte», que atinge o seu auge na época barroca. Daí, a importância crescente do ritual e da liturgia no quotidiano, que Erasmo, no século XVI, tão duramente criticou, não se apercebendo, é claro, que neste universo cultural, eles corporizavam um comportamento defensivo e tranquilizador para a população em geral.

Acompanhando o recuo das calamidades do céu e da terra difunde-se, no termo do século XVII, uma nova representação da natureza, já não sobrenatural e mágica mas física e matemática. Trata-se de um lento processo a que se associa também o Estado que trata, educa, controla, castiga e previne. Neste sentido a aliança dos poderes e do saber faz recuar o infortúnio a um ritmo até então desconhecido.

Mais tarde, numa sociedade progressivamente laicizada, o optimismo instala-se nos limites do possível. A imagem do mítico Prometeu, o homem no século XIX, triunfante e só, redescobre o sentido trágico do seu destino. E no limiar do século XXI, a angústia e a irracionalidade dos comportamentos ressurgem, à escala colectiva, ante a incapacidade de esquecer ou ignorar a guerra e a possibilidade de um desastre nuclear, ou os milhões de vítimas da Sida. Eis pois um livro que é antes de mais uma tomada de consciência global e histórica de uma linguagem de medo que se enraíza no presente.

Ana Cristina Bartolomeu d'Araújo